



Se a resposta dos “capitalistas verdes” para as mudanças climáticas somente joga mais lenha na fogueira, e se os governos em escala mundial são incapazes de resolver o problema, como anarquistas sugeririam reorganizar a sociedade para poder diminuir a quantidade de gases estufa na atmosfera e sobreviver a um mundo que já mudou?

Não há uma só posição anarquista e muitos anarquistas se negam a oferecer qualquer tipo de proposta argumentando que quando a sociedade se libertar do Estado e do Capitalismo, ela mudará organicamente e não de acordo com um anteprojeto. Além disso, a atitude policial de ver o mundo desde cima e impor mudanças é inseparável da cultura responsável por destruir o planeta e oprimir a seus habitantes.

Contudo, queremos esboçar uma possível maneira de como poderíamos organizar nossas vidas, não dando uma proposta concreta, mas sim porque as visões nos fazem mais fortes e todos nós precisamos de coragem para romper de uma vez por todas com as instituições existentes e com as soluções falsas que nos oferecem.



UMA SOLUÇÃO ANARQUISTA PARA O AQUECIMENTO GLOBAL



APRESENTAÇÃO

O QUE QUEIMA A AMAZÔNIA:

por Facção Fictícia

“Fico preocupado é se os brancos vão resistir.

Nós estamos resistindo há 500 anos.”

– Ailton Krenak

Distopias Vivas

O cenário é sombrio: no dia 19 de agosto de 2019, uma fumaça encobre cidades do estado de São Paulo, fazendo o dia virar noite às 15h da tarde. No dia anterior, na Islândia, pessoas organizaram o primeiro funeral, com lápide e minuto de silêncio, para uma geleira declarada morta que desapareceu devido às altas temperaturas. A fumaça de detritos que encobriram São Paulo foi causada pelos focos de incêndio florestais na região amazônica. E a geleira desapareceu devido ao aumento da temperatura na região, relacionada ao dióxido de carbono que se acumula na atmosfera.

Cenas trágicas, quase pitorescas, quase absurdas, poderiam soar até mesmo cômicas se não fossem reais. Mas de tão extremas, nos lembram de imagens e eventos fictícios como os do romance Não Verás País Nenhum, uma distopia social e ambiental brasileira de Ignácio de Loyola Brandão. O livro, escrito na década de 1970 – em plena ditadura civil-militar no Brasil – descreve um regime ditatorial fictício conhecido como “Civiltar”, que celebra – com datas festivas e tom ufanista – eventos como o corte da última árvore da Amazônia e declara com orgulho ter agora “um deserto maior que o do Saara”. Compondo o ambiente trágico, todos os rios brasileiros estão mortos e jarros com a água de cada um dos



faccasoficticia.noblogs.org

TEXTOS RECOMENDADOS:

- **Anarquia Funciona**, de Peter Geoderloos
we.riseup.net/subta/a-anarquia-funciona
- **Bolo Bolo**, autoria desconhecida:
pt.protopia.at/wiki/Bolo%27Bolo
- **Deserto**, autoria desconhecida:
crabgrass.riseup.net/subta/deserto-an%C3%B4nimx+474445
- **Não Verás País Nenhum**, de Ingnácio Loyola de Brandão

rios extintos são expostos em um museu hidrográfico. Dunas de latas de alumínio e rodovias bloqueadas permanentemente por carcaças de carros abandonados compõem os arredores de São Paulo. A cidade, por sua vez, sofre com súbitos bolsões de calor capazes de matar qualquer desavisado e doenças misteriosas que consomem os cidadãos, principalmente aqueles em situação de rua. O autor alega ter se inspirado em eventos reais que pareciam absurdos e raros na época, mas hoje se mostram cada vez mais reais e frequentes do que nunca.

No mundo real, as notícias do aumento de queimadas na Amazônia chocaram a opinião pública ao redor do mundo e focos de incêndio ainda são reportados enquanto escrevemos esse texto. Queimadas aumentaram 82% em 2019 em relação ao mesmo período no ano passado no Brasil segundo o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. As imagens catastróficas de destruição e morte alimentaram a indignação das pessoas e organizações de diversos países preocupadas com a saúde vida no planeta devido a importância da floresta Amazônica para regulação do clima e por sua biodiversidade. Tais imagens mobilizaram líderes políticos como o presidente francês Emmanuel Macron, que levou o tema para a reunião de cúpula do G7 e trocou farpas com o presidente Jair Bolsonaro na mídia após oferecer milhões em para fundos destinados ao combate aos incêndios florestais.

As imagens distópicas se tornam mais assustadoras quando surgem nos noticiários do mundo real. E já colecionamos algumas: desde o fim de 2018, cerca de meio bilhão de abelhas foram encontradas mortas em quatro estados brasileiros. A morte desses insetos fundamentais para o plantio de 75% dos vegetais que comemos está fortemente ligada ao uso de agrotóxicos proibidos na Europa mas liberados no Brasil. Voltando para agosto de 2019, a Justiça não considerou procedente a acusação contra um fazendeiro que usou agrotóxicos jogados de um avião como arma química contra comunidade indígena de Guyra Kambi'y no Mato Grosso do Sul em 2015. Também em agosto de 2019, grupos de agricultores, grileiros, sindicalistas e comerciantes usaram um grupo de Whatsapp para coordenar incêndios ao longo de estradas no município de Altamira, no

Pará, epicentro dos incêndios que consomem a floresta Amazônica. O grupo anônimo declarou o “dia do fogo” em apoio às palavras do presidente e para demonstrar que “querem trabalhar”.

Mesmo com as notícias da onda de incêndios recentes ligando as políticas do presidente Jair Bolsonaro às agressões contra florestas e povos indígenas e camponeses, é preciso ter claro que vemos a intensificação de um processo tão velho quanto a colonização das Américas. Para ficar nos exemplos mais recentes, temos projetos de expansão e aceleração do crescimento na época da gestão do PT, como a construção da usina de Belo Monte, que desalojou e impactou comunidades indígenas e milhares de outras pessoas que vivem no campo. E também a aprovação do Código Florestal em 2012 que permitiu que fazendeiros avançassem sobre territórios indígenas e reservas naturais com impunidade, além de suspender a demarcação de novas terras, mostram que governos de esquerda ou de direita enxergam a natureza e a vida humana como recursos para produzir commodities. A ameaça oferecida por um governo de extrema direita, como o de Bolsonaro, declaradamente inimigo do povo, das mulheres, dos povos indígenas está para além da violência física da repressão política e policial. Ele vai apenas intensificar as agressões que nunca deixaram de acontecer, ao mesmo tempo em que declara que não vai reconhecer mais nenhuma terra indígena.

Um desastre de 500 anos

Por séculos sobrevivemos dentro do maior desastre que ameaça toda forma de sustentabilidade da vida, dos biomas e das comunidades nesse planeta. Essa ameaça não é uma obra divina ou das forças inevitáveis da natureza. O seu nome é Capitalismo – o sistema econômico-político mais cruel, desigual e impactante para a vida que já existiu. Ele foi criado por seres humanos e pode ser eliminado pelos próprios seres humanos.

No entanto, mesmo acabando com esse sistema econômico que explora pessoas, promove genocídios, polui, degrada e envenena a terra,

aquecimento global. Era algo tão óbvio. A única solução que todos os que se beneficiavam com uma economia que gerava mudanças climáticas nunca discutiram era as que poderiam realmente funcionar.

Durante a maior parte do tempo, as pessoas não acreditavam em quem tentava alertar sobre as mudanças climáticas, sobre o colapso ecológico, e outros problemas criados pelo governo e pelo capital – os mesmos que clamavam soluções radicais. Ao final, viram que a melhor decisão que tomaram em suas vidas foi a de parar de confiar naqueles que estão no poder, os responsáveis por todos esses problemas, e ao invés disso começar a confiar em si mesmas e se partirem para a ação.

A esses leitores que duvidam da possibilidade desta visão, podem dar uma olhada em “Campos, Fábricas e Oficinas”, de Peter Kropotkin, onde cientificamente se mostra uma proposta similar já há mais de cem anos. Também podem prestar atenção em como a terra nativa onde vivem foi organizada antes da colonização. De onde eu venho a Confederação Powhatan manteve a paz e coordenou o comércio entre várias nações no sul da Bahia de Chesapeake, na costa atlântica dos Estados Unidos. Ao norte, os Haudensaunne mantiveram a paz entre cinco, e logo seis nações, por cem anos. Ambos grupos suportaram uma alta densidade populacional mediante a horticultura intensiva e pescando sem degradar o meio ambiente.

Onde agora vivo, em Barcelona, os trabalhadores tomaram a cidade e as fábricas e geriram tudo por si mesmos em 1936. E onde estou escrevendo este artigo, em Seattle, houve uma greve geral de um mês em 1919 e os trabalhadores também se provaram capazes de se organizar e manter a paz. Não é um sonho. É uma possibilidade iminente, porém somente se tivermos a coragem de acreditar nela!



- Indígenas resistem nos tribunais e em armas na Amazônia equatoriana, na mira do governo e empresas querendo explorar petróleo, ouro e cobre em seus territórios.

a água e o ar, nós teremos que sobreviver às consequências de termos deixado a burguesia e os líderes de estado chegarem tão longe. A destruição de ambientes inteiros, os venenos nos rios e em nossos corpos, as espécies que se foram, as geleiras que desapareceram e os rios que estão pavimentados, tudo isso permanecerá assim por muitos anos. Vivemos coletando o que precisamos de ruínas e das pilhas de sucatas deixadas para trás. Todo material que foi tirado do solo para ser jogado na superfície e nos mares não vão voltar da noite pro dia para o seu lugar de origem.

Reconhecer esse cenário inevitável tem impacto em nossas perspectivas revolucionárias de futuro com o fim do Capitalismo. Não existe mais uma promessa de vida além do capital que seja apenas de fartura e partilha de um mundo em equilíbrio, com recursos infinitos. O que temos pela frente serão formas de compartilhar a autogestão de nossas vidas em meio a recuperação da saúde dos biomas, das nossas relações e nossos corpos após séculos de agressão e exploração – organizar a vida em regiões que se tornaram hostis a ela.

É preciso relacionar nossas ações e formas de organizar a resistência agora com as noções sobre em que mundo nossas perspectivas revolucionárias vão se materializar. Certamente não será um mundo de paz, estabilidade e equilíbrio. Serão diversas comunidades humanas sobrevivendo em meio a um planeta afetado por séculos de degradação e poluição. Na melhor das hipóteses para o futuro, a imagem de uma revolução vitoriosa será similar a situação em Kobane em 2015: uma cidade destruída por bombardeios e ainda cheia de solos minados.

Mas nem é necessário imaginar um apocalipse quando a pior das distopias já é parte da realidade. Nas cidades de Mariana e Brumadinho, em Minas Gerais, barragens geridas pelas mineradoras Samarco e Vale se romperam devido a falta de manutenção e descaso com a vida humana, selvagem e o com o meio ambiente. Em Mariana, 19 pessoas morreram com o rompimento em 2015; em Brumadinho, ao menos 248 pessoas morreram e dezenas continuam desaparecidas depois do colapso da barragem em janeiro de 2019. Em nome do lucro e do menor investimento em segurança, essas empresas e seus gestores provocaram um das maiores desastres ambientais do país e do mundo, ceifando vidas e afetando milhares de pessoas – sejam parentes dos que morreram ou comunidades indígenas, ribeirinhas e rurais que dependem da terra e dos rios devastados pela lama tóxica que estava retida nas barragens.

Exemplos como esses nos ensinam que a pior tragédia não é o fim do Capitalismo, mas sua própria existência. Como disse uma vez Buenaventura Durruti numa entrevista de 1936, em plena Guerra Civil Espanhola:

“Sabemos que não vamos herdar nada mais que ruínas. Porque a burguesia tratará de arruinar o mundo na última fase da sua história. Porém, nós não tememos as ruínas, porque levamos um mundo novo em nossos corações. Esse mundo está crescendo nesse momento”.

imperialistas, é constantemente balanceada pelo crescimento de uma identidade global e a mescla com membros tão diferentes de uma comunidade ampla. Na verdade, já que a maioria das comunidades linguísticas se estendem bem mais além de uma biorregião e já que as pessoas desfrutam de uma mobilidade social sem precedentes, cada indivíduo decide, quando chega a uma certa idade, se quer viver na cidade, no campo ou nos bosques. Não somente as fronteiras não existem entre nações artificialmente construídas; as fronteiras sociais tampouco detêm o movimento entre diferentes categorias identitárias e culturais.

Para as pessoas mais velhas, esta forma de vida se assemelha ao paraíso, mesclado com os sombrios detalhes da realidade – conflitos, trabalho duro, desamores e pequenos dramas. Os jovens simplesmente pensam que este tipo de vida é resultado de um senso comum.

Ecada ano, o mundo se cura um pouco mais dos estragos causados pelo capitalismo industrial. Novas áreas retornam ao estado silvestre e a quantidade de bosques e zonas úmidas aumenta, enquanto que áreas altamente povoadas se tornam ecossistemas saudáveis graças a jardinagem, a permacultura e a eliminação dos carros. Os níveis de gases de efeito estufa se reduzem lentamente, pela primeira vez em décadas, o carbono retorna aos solos, aos bosques e zonas úmidas, a novas áreas urbanas verdes; e a queima de combustíveis fósseis é erradicada. Mais de um terço das espécies no planeta se extinguiram antes das pessoas mudarem a maneira de viver, porém agora que a perda de habitat foi invertida, muitas espécies voltam a se proliferar. Enquanto a humanidade não esquece a lição mais difícil que já aprendeu, em alguns milhões de anos e a biodiversidade do planeta será tão grande como sempre foi.

Uma vida digna substituiu o lucro como o novo termômetro social e, em um golpe a todos os engenheiros do planejamento social, todo mundo pode fazer suas próprias metas e determinar por si mesmos como alcançá-las. As pessoas recuperaram a habilidade de se alimentar e de fazer suas próprias casas, e as comunidades individuais mostraram que elas são as que se encontram melhor situadas para projetar um modo de sustentabilidade adaptado as condições locais e as várias mudanças resultantes do

porém o transporte interregional serve, principalmente, para permitir o movimento das pessoas, ideias e identidades. As pessoas se locomovem menos do que nos últimos dias de capitalismo, porém, por outro lado, não tem que se preocupar por seguir os caprichos da economia que as obrigava a se mudar para longe em busca de trabalho. As biorregiões são quase completamente autossuficientes economicamente e as pessoas encontram o sustento necessário. Se querem partir é porque querem viajar para ver o mundo e são livres para fazê-lo porque as fronteiras deixaram de existir.

A comunicação de longa distância funciona principalmente através de rádio. A maioria das comunidades urbanas e semi-urbanas tem telefone e internet. A produção altamente tóxica de computadores quase acabou, porém algumas poucas cidades usam métodos inovadores e mais limpos para produzir computadores em uma escala mínima e mais lenta. No entanto, existem suficientes peças em circulação e a maioria dos bairros podem manter alguns computadores funcionando se assim desejam. Muitas pessoas da zona rural vivem o suficientemente perto de uma cidade para ter acesso a estas formas de comunicação de vez em quando. Ainda é possível receber notícias de todo o mundo e continuar a cultivar uma identidade parcialmente global.

A base econômica da sociedade se diversificou bastante dentro de cada comunidade linguística. Em outras palavras, uma pessoa pode viver em uma comuna agrícola com um nível de tecnologia muito similar ao da sociedade ocidental no século dezenove, mas na vizinhança existe um bosque habitado por caçadores-coletores. E, algumas vezes por ano, essa pessoa pode visitar uma cidade organizada por sindicatos e assembleias, onde há eletricidade, ônibus, uma estação de trem ou um porto, onde se pode ver filmes ou ler o blog de alguém que está no outro lado do planeta. Imagens e notícias ao redor do mundo passam por cada comuna regularmente. Se fala o mesmo idioma e se compartilha uma cultura e história similar com estas comunidades que são, no entanto, muito diferentes entre si. O resultado disso é que uma identidade exclusivamente separatista e isolada, que poderia trazer problemas como o renascimento de comportamentos dominadores e

“De fato, já estamos no olho do furacão. Os preços da energia subiram como consequência de já haveremos alcançado o pico na produção global de petróleo e seu consequente e inevitável declínio posterior. Furacões, secas e padrões climáticos imprevisíveis tornaram-se mais frequentes e intensos, fazendo-nos sofrer as consequências do aquecimento global que nós mesmos provocamos. Enquanto isso, a qualidade do solo e da água continua a se degradar e a biodiversidade colapsa com uma taxa de extinção de espécies 10.000 vezes superior a normal. Por sua vez, a tremenda crise nos preços dos alimentos em que se vê mergulhando o mundo neste momento é a indicação mais poderosa até agora de que já não se deve esperar um retorno a situação anterior. Pelo contrario, o que vemos é a batalha final entre a necessidade infinita de crescimento do capitalismo neoliberal e os recursos limitados de um único planeta. E não é com toda a engenharia financeira ou as invenções de tecnologias de última geração que o dinheiro pode comprar que este sistema irá escapar de seu colapso inevitável. Ele atingiu o ponto de inflexão e nós somos a geração a que corresponde à duvidosa honra de viver e morrer em seus últimos espasmos.”

– Uri Gordon, Presságios Sombrios: política anarquista na época do colapso

Então, o que queima a Amazônia?

Há um considerável consenso entre a comunidade científica, instituições governamentais, movimentos sociais, povos do campo e das cidades quanto impactos e riscos trazidos pelo aquecimento global e a crescente industrialização e urbanização. Algumas dessas consequências que estão prestes a se tornarem irreversíveis. Como o próprio desmatamento da Amazônia que pode se tornar irreparável caso atinja 40% da sua área total.

Exigir de governos nunca foi nem será uma saída definitiva para nossos problemas. Especialmente desastres ambientais causadas por suas próprias políticas. A grilagem de terras e o desmatamento na Amazônia não pode ser dissociada do crime organizado que persegue, contrabandeia e mata no campo. Cerca de 90% da madeira extraída é contrabando sustentada por um vasto aparato do Capitalismo ilegal que permeia milícias armadas e o próprio Estado.

Líderes populistas de extrema direita como Bolsonaro nos colocam numa situação ainda mais delicada. Por um lado, vão negar que existe qualquer necessidade de ação para conter o aquecimento global – lembramos que, depois de Trump, Bolsonaro foi o único líder a ameaçar também abandonar o Acordo de Paris, alegando que aquecimento global é uma “fábula de ambientalistas”. Isso ajuda a mobilizar suas bases da extrema direita, que admira e celebra a completa desonestidade como demonstração do poder político.

Por outro lado, à medida que as consequências do caos climático e dos desequilíbrios ambientais se tornarem fatos concretos e inegáveis, esses líderes se beneficiarão oportunamente de crises socioambientais, escassez de produtos, migrações de refugiados e desastres climáticos, como furacões e enchentes, usando tudo isso de pretexto para acelerar a implementação de medidas para restringir acesso a serviços como saúde, transporte e segurança. Essas saídas autoritárias e militarizadas para determinar quem terá acesso a recursos necessários à vida em um

mais tradicionais, com cada família ocupando uma dois acres de terra, estendido sem uma distribuição homogênea sobre um vasto território. Outras compreendem um núcleo densamente povoado, com centenas de habitantes vivendo em doze acres de campos intensamente cultivados, rodeados por árvores frutíferas e campinas com frutas, nozes e gado, rodeados por sua vez por um anel de bosques naturais que servem como um cinturão ecológico, e com o espaço para um ocasional corte de árvores e caça de animais. Estas comunidades rurais são quase completamente autossuficientes, tem uma relação sustentável com a terra, fomentam uma alta biodiversidade, e sua emissão de gases de efeito estufa facilmente equivale a zero.

As comunidades rurais nos pequenos raios em torno das das cidades levam a cabo uma agricultura intensiva, ajudada por alguns produtos manufaturados, em uma relação simbiótica com seus vizinhos urbanos. Cada semana, utilizando carruagens ou caminhonetes a biodiesel, trazem comida e biocombustíveis até um bairro específico da cidade, e levam de volta compostagem (a maioria proveniente de banheiros, já que os restos de comida servem para alimentar as aves urbanas). Com este nutritivo composto, vidros para estufas, ferramentas de metal e o ocasional uso de tratores ou arados mecânicos compartilhados entre várias pequenas fazendas, é possível produzir altos rendimentos todo o ano sem destruir a terra nem depender de químicos ou combustíveis fósseis. Elas cultivos intercalados e outros métodos derivados da permacultura para preservar o estado saudável da terra e evitar pragas. As fazendas contam com árvores frutíferas e pequenos bosques, e por isso há uma grande biodiversidade, incluindo grande quantidade de aves que se alimentam de insetos. Já que não praticam a monocultura, as pestes e as doenças não se expandem tão incontrolavelmente como na agricultura industrial capitalista. O uso de plantas nativas, diferentes espécies, a proteção do solo, e a preservação de bosques também mitigam o impacto das secas e do clima extremo causado pelas mudanças climáticas.

Ainda existe uma quantidade aceitável de transporte entre biorregiões. As cidades estão conectadas por meio de trens a biodiesel e as pessoas cruzam regularmente os oceanos em barcos que funcionam com energia eólica. Uma quantidade de finida de comércio interregional funciona desta maneira,

que estragam seus laços sociais, acabam se isolando e prejudicam a si mesmos. As pessoas lutaram para derrotar seus opressores. Derrotaram a polícia e as forças armadas das classes dirigentes, e recordam essa vitória. O imperativo de nunca voltar a sermos governados forma uma grande parte da identidade hoje em dia. Não serão intimidados por ocasionais psicopatas ou quadrilhas de mafiosos.

Em suma, a cidade tem uma insignificante pegada ambiental. Uma grande concentração de pessoas vive em uma área determinada, que contudo contém uma grande biodiversidade, com muitas espécies de plantas e animais vivendo juntas. Não produzem poluição que não sanem elas mesmas. Usam água de fontes, porém muito menos que uma cidade capitalista, e em acordo com outras comunidades que usam as mesmas fontes. Produzem gases estufa através da queima de combustível, porém a quantidade é menor do que a absorvida da atmosfera pela sua própria agricultura (pois todos os combustíveis são de origem agrária, e o carbono que produzem é o mesmo que essas plantas removeram da atmosfera enquanto cresciam). Quase toda a comida local é produzida de forma sustentável. Existe uma pequena quantidade de produção industrial, porém a grande parte dela usa materiais reciclados.

Fora da cidade, o mundo está ainda mais transformado. Desertos, selvas, montanhas, pântanos, tundras e outras áreas que não podem sustentavelmente suportar altas populações humanas regressaram a seu estado natural. Nenhum tipo de programa governamental foi necessário para criar reservas naturais, simplesmente não valia a pena permanecer nestes lugares quando a produção de combustíveis fósseis parou. Em muitas destas, as pessoas vivem como caçadores-coletores, levando a cabo a mais inteligente forma de economia possível nesta biorregião e tornando a noção convencional do que é futurístico de cabeça.

Algumas comunidades rurais são autossuficientes, sustentadas com a agricultura e a pecuária, ou mais intencionalmente com a permacultura. Muitas pessoas que deixaram as cidades durante o colapso formaram estas comunas e são mais felizes e saudáveis do que durante o capitalismo. Algumas das comunidades permaculturais são compostas de unidades familiares



- Guerreiros Mundurukus sem apoio do Estado partem para a ação direta para expulsar madeireiros da Terra Indígena Sawré Mybu, no Pará.

contexto de escassez generalizada é o que muitos teóricos tem chamado de ecofascismo.

Cogitar a intervenção de Estados estrangeiros com interesses econômicos nas florestas Amazônicas não é nada além da continuidade do colonialismo que começou em 1492. Não será nenhum governo que vai solucionar o problema dos incêndios e dos desmatamentos. O máximo que conseguirão é retardar ou diminuir minimamente os impactos da exploração. Mas o Capitalismo neoliberal não aceita nada que não seja crescimento e mais crescimento – isto é, a transformação das matas e dos recursos dos solos em bens de consumo competitivos no mercado global hoje.

Então, o que queima a Amazônia – e todo o planeta? A resposta é clara: o latifúndio, a disputa por terras, o lucro (legalizado ou não) e propriedade privada. Nada disso será alterado por nenhum governo eleito ou imposto. Uma perspectiva ambiental deve ser uma perspectiva revolucionária pelo fim do Capitalismo e todos os Estados.

Exercitar nossa capacidade de imaginar

As imagens distópicas do livro *Não Verás País Nenhum*, assim como do romance 1984 de George Orwell, são avisos em forma de projeções fantásticas e exageradas do que pode acontecer de pior caso não sejamos capazes de mudar o curso da história. Mas em alguns momentos temos a impressão de que nossas distopias favoritas são usadas, ironicamente, como um manual para os governos e instituições que trazem à vida nossos piores pesadelos: câmeras em cada esquina, nossas tevês e celulares vigiando nossos comportamentos e sentimentos enquanto o mundo é envenenado e destruído – e com ele nossos corpos.

Distopias são avisos, mas as utopias são, por definição, lugares que não existem e ou representam cenários impossíveis de se alcançar. Por isso, as consideramos inúteis. Precisamos de outros lugares, mas lugares possíveis. Precisamos ser capazes de imaginar um mundo diferente.



– Anarquistas em São Paulo no protesto contra o governo e os desmatamentos na Amazônia, 23 de agosto de 2019.

de objetos em circulação – a qual é talvez a economia mais comum e de mais larga trajetória na história do ser humano. Além do nível de bairro, ou quando se trata de objetos raros ou que não são produzidos localmente, as pessoas podem negociar. Os sindicatos de algumas cidades podem utilizar um sistema de cupons para a distribuição de coisas que escasseiam ou que são de produção limitada. Se você trabalha no sindicato de eletricidade, por exemplo, pode obter um número de cupons que podem ser usados para conseguir coisas da fábrica de bicicletas ou de alguma fazenda fora da cidade.

Os itens mais comumente produzidos nas fábricas são bicicletas, ferramentas de metal, roupa, papel, equipamentos médicos, biodiesel e vidro. Mais comum que a fábrica é a oficina, onde as pessoas fabricam quaisquer tipo de coisa, com uma qualidade maior e em um ritmo mais lento e digno e saudável. As oficinas usualmente usam materiais reciclados (afinal, há muitos centros comerciais antigos e cheios de lixo e sucata) para fabricar coisas como brinquedos, instrumentos musicais, roupas, livros, rádios, geradores de eletricidade, bicicletas e partes de automóveis.

O trabalho não é obrigatório, porém quase todo mundo trabalha. Quando não se tem chefes é possível fazer coisas que são úteis e que têm significado, as pessoas tendem a desfrutar do trabalho. Aqueles que não contribuem trabalhando de nenhuma forma são muitas vezes desprezados ou excluídos dos aspectos mais agradáveis de viver em sociedade, porém nunca é aceitável negar a alguém comida ou tratamento médico. Pelo motivo de não ajudarem a seus próximos, é pouco provável que consigam boas comidas, consultas médicas, massagens ou acupuntura a menos que tenham um problema específico que as impeçam de trabalhar. Porém nunca serão deixadas morrer de fome. É uma pequena gasto de recursos para a comunidade, porém nada com parado como parasitismo de chefes, políticos e forças policiais do passado.

Não há mais polícia. Geralmente, as pessoas estão armadas e treinadas em autodefesa, e a vida de todos inclui atividades que incentivam sentimentos coletivos ou comunais de interesse próprio. As pessoas dependem da cooperação e do apoio mútuo para sobreviver e serem felizes, deste modo aqueles

realização de suas tarefas, embora quando necessário, se coordene através de reuniões que normalmente funcionam como assembleias abertas usando o consenso, com uma preferência por compartilhar perspectivas e informação sem tomar decisões sempre que possível. Algumas vezes, reuniões inter-regionais (como por exemplo, a reunião de comunidades que compartilham a fonte de água), são organizadas com uma estrutura de delegações, ainda que as reuniões sempre estejam abertas a todo mundo, e sempre procuram chegar a decisões que satisfaçam a todos já que não há instituições coercitivas e qualquer tipo de coerção é reprovada por tentar “trazer de volta os velhos tempos”.

Como o poder está sempre num nível local, na medida do possível, a grande maioria das decisões é tomada por indivíduos ou grupos pequenos que compartilham afinidades e trabalham juntos regularmente. Uma vez que não há ênfase para controlar e acumular poder impondo homogeneidade ou singularidade de resultados, as pessoas descobrem que a maior parte da coordenação pode ocorrer organicamente, com gente diferente tomando diferentes decisões e resolvendo por si mesmas como reconciliar suas decisões com as dos demais.

Embora as sociedades de hoje estão estruturadas para criar sentimentos de comunidade e mutualidade, existe também espaço para a privacidade e solidão. Muitos bairros tem cozinhas comunitárias e salas de jantar, porém as pessoas podem cozinhar e comer por si mesmas, quando lhes der vontade – e elas normalmente o fazem. Algumas sociedades tem muitos chuveiros públicos, e outras não, dependendo das diferenças culturais. A comunização forçada em experimentos passados de utopias socialistas não existem nesse mundo. A propriedade privada foi abolida no sentido clássico dos meios de produção que as pessoas necessitam para sua sobrevivência, porém, qualquer um pode ter quantos objetos pessoais elas conseguirem – roupas, brinquedos, reservas de doces e outras iguarias, uma bicicleta, etc.

Quanto menor a comunidade, maior a probabilidade dela operar com uma economia de dádiva – qualquer coisa que você não use pode dar como um presente, reafirmando seus laços sociais e aumentando a quantidade

Se usarmos nossa capacidade de inventar ou acreditar em apocalipses zumbis e calamidades do cinema ou da literatura para imaginar e construir uma realidade para além do Capitalismo desde já, estaremos em um caminho muito melhor. Hoje nosso caminho beira a descrença e a passividade. E a realidade tem superado a ficção. Mas não existe neutralidade em um trem em movimento que corre para um abismo. Cruzar os braços é ser conivente. Agir individualmente é insuficiente, pois mantém a lógica que nos trouxe até aqui. É preciso imaginar e também buscar referências revolucionárias recentes ou tradicionais e milenares de vida coletiva autogerida, organizada e igualitária entre os povos do mundo.

Precisamos redescobrir e compartilhar referências de sociedades funcionando sem Estado e sem Capitalismo, como a Comuna de Paris em 1871, a Revolução Russa e Ucraniana de 1917, a Revolução Espanhola de 1936. Devemos lembrar também que os dois últimos exemplos terminaram com a traição e a repressão direta ou com a conivência do Partido Bolchevique e da ditadura Estalinista que o sucedeu, levando adiante um processo de industrialização sem precedentes e o deslocamento em massa dos povos camponeses. Isso ilustra por que é tão importante desenvolver uma maneira de imaginar que não apenas replique as visões do industrialismo capitalista.

Podemos olhar também para os episódios atuais como o Levante Zapatista no México desde 1994 e a revolução em andamento em Rojava, ao norte da Síria, onde os povos nativos se levantaram em armas e milhões de pessoas organizam sua economia, seu trabalho, sua educação e a gestão de cidades, vilas e campos sem um Estado ou uma economia baseada na propriedade privada dos meios de produção.

Além de exemplos anarquistas ou influenciados por princípios anarquistas, temos ainda todas as nações indígenas ao nosso redor: Guaranis, Mundurukus, Tapajós, Krenaks e tantas outras que, há cinco séculos, resistem à expansão colonial europeia e capitalista. Todos são referências vivas com os quais anarquistas podem aprender sobre vida, organização e resistência sem Estado e contra o Estado. Se há alguma forma de solidariedade fundamental nesse momento de ataque contra a vida na Amazô-

nia, é entre os movimentos sociais, os pobres e excluídos de todo mundo e os povos indígenas e camponeses de toda América Latina. A saída para as crises do Capitalismo que levam a incêndios em larga escala e desmatamentos, como os que estão em andamento na Amazônia, precisa passar pelo apoio e solidariedade com as lutas e movimentos de base que se afastam da busca pela gestão neoliberal dos recursos do solo, das florestas, das águas e das pessoas.

Por uma solidariedade entre os povos e as classes exploradas, e não entre o paternalismo e o colonialismo dos governos! O fim da crise ambiental e do aquecimento global é o fim do Capitalismo!

OUTRO FIM
DO MUNDO
É POSSÍVEL!

rante o capitalismo, que mataram milhões de pessoas durante o colapso desapareceram em sua maior parte e o uso de antibióticos quase chegou ao fim. As pessoas vivem em condições mais saudáveis globalmente e tem sistemas imunológicos mais fortes. As viagens globais não são nem tão frequentes nem tão aceleradas. As pessoas também tem uma maior consciência com respeito ao meio ambiente e uma conexão pessoal com a biorregião porque se alimentam do que se produz em temporada e o do que se colhe localmente, e também porque são elas mesmas quem os colhem.

Cada casa tem um banheiro de compostagem e uma pia, porém não há esgoto. Se tornou uma espécie de regra subentendida ao redor do mundo que cada comunidade deve assumir a responsabilidade por seus próprios dejetos com bacias de evapotranspiração. Livrar-se de resíduos jogando-os rio abaixo tornou-se o maior tabu. As relativamente poucas fábricas restantes usam fungos e micróbios em grandes terrenos florestais ao redor das zonas industriais para corrigir qualquer eventual contaminação que produzam. Os bairros convertem seus dejetos em adubo ou combustível. A quantidade de água é limitada, porém os edifícios estão equipados com coletores de água da chuva para as hortas e para fazer faxinas. As vivências que excedem em muito a cota recomendada de uso de água são publicamente surpreendidas. A cota recomendada não é imposta, é simplesmente uma sugestão compartilhada por quem trabalha nos consórcios de tratamento das águas, baseada na quantidade de água que a cidade está permitida desviar da fonte principal e em concordância com todas as comunidades que compartilham a fonte.

Na maioria das cidades, as pessoas organizam assembleias periódicas para a manutenção de hortas, estradas, ruas, edifícios, creches e para mediar conflitos. As pessoas também participam de reuniões em qualquer sindicato ou projeto infraestrutural que desejam dedicar seu tempo. Estes podem incluir o consórcio de água, as cooperativas de transporte, o consórcio de eletricidade, os hospitais, a união de construtores, as fábricas ou as enfermarias (a maioria dos tratamentos médicos é realizado por herbalistas, naturopatas, homeopatas, acupunturistas, massoterapeutas, parteiras e outros especialistas que atendem a domicílio). A maioria destas organizações são descentralizadas ao máximo, confiando a indivíduos e pequenos grupos de trabalho a

comunitários obtém energia em rodízio somente até tarde para que possam ficar abertos para noites de cinema ou outros eventos. Praticamente todos tem velas e lamparinas, e é assim que sempre há alguma luz em muitas janelas até tarde. Porém não é nada parecido com o que era antes. Na noite é possível ver as estrelas no céu e as crianças ficam boquiabertas quando os mais velhos lhes dizem como as pessoas haviam abandonado esse prazer.

A eletricidade é produzida por uma rede de usinas de energia que queimam desperdícios agrícolas (como espigas de milho, por exemplo), por meio de alguns biocombustíveis e através de uma quantidade reduzida de turbinas eólicas e painéis solares. Porém a cidade funciona com só uma fração do que usava anteriormente. As pessoas aquecem e resfriam seus lares por meio de um design solar e eficiente, sem eletricidade alguma. Nas regiões mais frias, as pessoas complementam isso no inverno com a queima de combustíveis renováveis, porém as casas estão bem isoladas e os fornos estão projetados com a máxima eficiência, por isso não é necessário muito. As pessoas também cozinham em fornos a base de combustíveis ou, em climas mais temperados, com fornos solares. Algumas cidades que utilizam mais eletricidade para a indústria manufatureira e para manter formas de geração de eletricidade renovável (solar, eólica e energia das marés e correntezas dos rios) também cozinham com eletricidade. Muitos edifícios tem uma lavadora coletiva, sem secadoras e todas as vestes são secadas como antigamente: em uma corda de varal.

Ninguém tem um refrigerador, embora cada edifício ou apartamento tenha um congelador comunal. As pessoas guardam alimentos perecíveis como iogurtes, ovos e legumes em uma geladeira portátil ou no porão, e comem alimentos frescos ou enlatados. Elas colhem nas hortas de suas quadras a metade do que consomem. Quase todos os alimentos que consomem são colhidos a vinte milhas de onde vivem. Nenhum alimento é geneticamente modificado ou produzido com químicos e todos são produzidos pelo seu sabor e nutrição, não por sua perenidade e facilidade de transporte. Em outras palavras, todos os alimentos tem um melhor sabor e as pessoas são muito mais saudáveis. Doenças cardíacas, diabetes e câncer, alguns dos maiores assassinos da sociedade capitalista, desaparecem. Os supervírus, criados du-

Para exercitar uma imaginação revolucionária, compartilhamos o texto *Uma Solução Anarquista para o Aquecimento Global*, do anarquista Peter Gelderloos. Quem gostar da obra, pode ler também o livro de autoria desconhecida, chamado *Bolo Bolo*, que imagina um planeta inteiro vivendo uma era após o fim do capitalismo e da indústria.

Uma outra obra importante escrita por Gelderloos é o livro *Anarquia Funciona*, que reúne exemplos e referências de sociedades anarquistas revolucionárias ou povos tradicionais e indígenas vivendo e solucionando seus problemas sem chefes ou governantes. O livro, disponível na íntegra na internet, aborda com exemplos históricos e factuais questões como tomada de decisão, economia, solução de conflitos, meio ambiente, crime, organização de comunidades e revolução.

Boa leitura.

UMA SOLUÇÃO ANARQUISTA PARA O AQUECIMENTO GLOBAL

por Peter Gelderloos

Se a resposta dos “capitalistas verdes” para as mudanças climáticas somente joga mais lenha na fogueira, e se os governos em escala mundial são incapazes de resolver o problema, como anarquistas sugeririam reorganizar a sociedade para poder diminuir a quantidade de gases estufa na atmosfera e sobreviver a um mundo que já mudou?

Não há uma só posição anarquista e muitos anarquistas se negam a oferecer qualquer tipo de proposta argumentando que quando a sociedade se libertar do Estado e do Capitalismo, ela mudará organicamente e não de acordo com um anteprojeto. Além disso, a atitude policial de ver o mundo desde cima e impor mudanças é inseparável da cultura responsável por destruir o planeta e oprimir a seus habitantes.

Contudo, queremos esboçar uma possível maneira de como poderíamos organizar nossas vidas, não dando uma proposta concreta, mas sim porque as visões nos fazem mais fortes e todos nós precisamos de coragem para romper de uma vez por todas com as instituições existentes e com as soluções falsas que nos oferecem. Seguindo os propósitos deste texto, não vou entrar em nenhum dos importantes debates com respeito a ideais – níveis apropriados de tecnologia, escala, organização, coordenação e formalização. Vou descrever como uma sociedade ecológica e antiautoritária poderia se manifestar, fluindo desde a complexidade social do momento presente. Por razões de simplicidade, tampouco entrarei em debates científicos sobre o que é e o que não é sustentável. Esses debates e a informação que apresentam são acessíveis extensamente para quem queira fazer sua própria investigação.

Baseio a descrição deste possível futuro mundo no que é fisicamente necessário e o que é eticamente desejável, em concordância com as seguintes premissas:

- A extração de combustíveis fósseis e seu consumo devem se encerrar por completo.
- A produção de comida industrial deve ser substituída pela colheita sustentável de comida a nível local.
- Estruturas centralizadas de poder são inerentemente exploradoras do meio ambiente e opressivas para as pessoas.
- A mentalidade de valor quantitativo, acumulação, produção e consumo – ou melhor dizendo, a mentalidade do mercado livre – é inerentemente exploradora do meio ambiente e opressiva para as pessoas.
- A descentralização, a associação voluntária, a auto-organização, o apoio mútuo e a não-coerção são viáveis e funcionaram dentro e fora da civilização ocidental inúmeras vezes.

Bem-vindas ao futuro. Ninguém imaginaria que a sociedade global seria desta maneira. Sua característica mais definitiva é sua heterogeneidade. Algumas cidades foram abandonadas, árvores crescem através de suas avenidas, rios fluem onde antes o asfalto cobria a terra e os arranha-céus se desmoronam enquanto capivaras pastam em meio ao cimento rachado.

Outras cidades prosperam, porém mudaram a ponto de se tornarem irreconhecíveis. Terraços, lotes vazios e avenidas foram convertidas em hortas. Árvores frutíferas e nozes formam fileiras em cada quadra. Galos cantam a cada amanhecer. Em torno de um décimo das ruas – as grandes vias – permanecem pavimentadas ou asfaltadas, ônibus funcionando com biodiesel passam com frequência. Outras ruas foram amplamente ocupadas por jardins e hortas, embora ciclovias cortem o centro delas. Os únicos edifícios que tem eletricidade durante as vinte e quatro horas do dia são os centros de tratamento de água, os hospitais e as estações de rádio. Os teatros e os edifícios